

MEU AMIGO ROGER BASTIDE

PAUL ARBOUSSE-BASTIDE

É difícil a um amigo falar de um amigo. Montaigne já havia sentido que as palavras se esquivam. Isto só pode exprimir-se respondendo: "Porque era ele e porque era eu" e ele acrescentava: "Existe, além de meu discurso e daquilo que eu posso dizer particularmente, uma força inexplicável e fatal mediadora desta união".

O conhecedor e o crítico costumam associar o homem e a obra. Em princípio isto vai de si, mas somente em princípio. Quando o homem é ou foi um verdadeiro amigo, o conhecimento afetivo que dele podemos ter corre o risco de obnubilar o conhecimento da obra. Este contacto direto é percebido como indo muito além da aproximação descontínua da obra, sempre sujeita a releituras e reconsiderações. Aquele que crê possuir por favor pessoal a chave de um santuário não é tentado a deter-se para fazer seu inventário.

Outros já falaram dos trabalhos de Roger Bastide e o fizeram melhor do que eu poderia fazê-lo. Eu gostaria de evocar o amigo para permitir que se entreveja o homem. Que me perdoem se eu falar também em mim mesmo.

★ ★ ★

Encontrei Roger Bastide pela primeira vez em Estrasburgo nos primeiros meses de 1919. Já lá vão 57 anos, mais de meio século. Nossa amizade começou no primeiro dia de nosso encontro e ela jamais se enfraqueceu.

Estrasburgo, no começo de 1919, ainda muito próxima do armistício de 11 de novembro de 1918, emergia de uma longa noite de inquietação e de espera. A alegria irrompia de todas as faces e florescia nas janelas. As ruas da cidade apresentavam-se animadas por inúmeros soldados ainda engajados, mas definitivamente liberados da apreensão dos combates. Entre eles, alguns gozavam de vantagens excepcionais.

Inúmeras circunstâncias nos aproximavam. Inicialmente, nossas origens regionais. Éramos os dois provenientes do "Midi". O falar de meu amigo guardava as entonações ligeiras e envolventes, mas específicas como os perfumes do tomilho das charnecas de Nîmes. Nossos sobrenomes

atestavam o fato de pertencermos a uma mesma micro-etnia. Sob esse aspecto eu levava a vantagem de uma redundância onomástica que chegava às raias de uma provocação. Não me bastando carregar um “Bastide” bem próprio do “Midi”, o destino havia ainda me agraciado com um “Arbousse” que rescendia a alho, a abóbora e a bagas selvagens. Este ramallete indiscreto valia, para ele, tanto quanto um parentesco que, de antemão, nos dispensava daquele que nos foi tenazmente atribuído no Brasil, sem qualquer fundamento, a não ser a nossa semi-homonímia e nossa convivência habitual com a qual tanto se comprazia nossa amizade.

Mas havia mais coisas em comum. Éramos os dois “Cévenols”(1), descendentes inegáveis desses “camisards” que ousaram, por “razão de consciência”, resistir a Luís XIV e a seus dragões. Roger Bastide sentia-se visceralmente um “Cévenol”. De sua primeira juventude a seus últimos dias ele conservou um amor profundo por sua região natal e por seu simbolismo indissociável. É difícil para um profano imaginar a espantosa pregnância de tal fato. Sua dimensão mais vasta não é o mar como para o Bretão, a tradição como para os da Vendéia, o sol e as cigarras como para os provençais. Ela se funde com um vivo sentimento de independência pessoal a mais íntima, a do julgamento e da consciência. O “Cévenol” é o homem do não-conformismo, da resistência ao poder abusivo, do “maquis”(2), esse “deserto”, refúgio da liberdade como se dizia após a revogação do Édito de Nantes por Luís XIV (1685). Em algumas folhas amareladas, sem dúvida datadas de por volta de 1920, conservo ainda um poema de Roger Bastide, escrito por sua mão, intitulado “A escalada do deserto”. Creio ser útil transcrever algumas linhas iniciais e algumas finais.

“Eu desejo subir ao Deserto de nossos pais para aí depositar piedosamente a guirlanda de nossos eternos louvores.

Deixei a cidade cinzenta dormir no grande e triste calor do meio-dia e vim, sozinho, por entre as vinhas. As vinhas estão cheias de doces uvas, de canções e de belas jovens capitosas. O sol queimava; a embriaguez se desprendia dos cachos esmagados. As crianças tinham uma carne nua e dourada e as jovens estacavam, às vezes, hesitantes, com o desejo de beijos em seus lábios. Mas eu abandonei a planície ao triunfo de Dionísio e subi ao deserto de meus pais...”

O poema termina com essas linhas:

*“Oh! pobres corpos mártires, defuntos de tempos passados,
No jardim severo e doce em que dormis
Entre o perfume do tomilho, do funcho e da menta,*

(1) A palavra “cévenol” indica quer o habitante ou o nascido na região de Cévennes quer os participantes da rebelião contra a revogação do Édito de Nantes, rebelião esta surgida nessa região. (Nota da Trad.).

(2) “Maquis”, o nome de um certo tipo de vegetação bem como o nome que foi dado aos grupos da resistência francesa por ocasião da última guerra. (Nota da Trad.).

*Com minha foice de ouro, cortei, hierofante,
Uma grande rosa e três frutos de cipreste
Cujos ardores eu engastei neste Caderno de orgulho
Para que o leitor assombrado, após tê-lo lido
Do alvorecer ao crepúsculo, encontrando-se só,
Sinta em sua carne um longo grito de amargura”.*

Além do sortilégio do “Midi” e do prestígio do “Deserto” outras afinidades nos aproximavam. Minha família era originária de Sauve, a de Roger Bastide, de Anduze, duas pequenas cidades de Gard. Meu bisavô, mestre-escola improvisado, “ensinava” os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo por volta de 1830. O pai de Roger Bastide era professor primário.

Permanecemos seis meses em Estrasburgo em companhia de companheiros de idades e graus militares diferentes. Alguns deles tinham em seu ativo vários anos de guerra.

Roger Bastide, um ano mais velho do que eu, tinha estado na frente de batalha. Éramos, os dois, simples soldados. No Centro de Estudos a que pertencíamos, a condição de estudantes havia abolido qualquer prerrogativa hierárquica. Muitos companheiros nossos, antes de sua incorporação militar, tinham recebido uma preparação intensa nos concursos da Escola Normal Superior. O intercâmbio intelectual era rico e proveitoso. Em 14 de julho de 1919, Estrasburgo festejou seu primeiro fogo de artifício de retorno ao seio da Pátria-Mãe com um entusiasmo indescritível. Ao longo de todo o dia, os estudantes-soldados arrebatados pela alegria transbordante da população, sem a menor preocupação de ordem militar, receberam a melhor acolhida em meio das coifas alsacianas de grandes nós pretos enfeitados com rosetas tricolores. Os encantos de Estrasburgo no momento da vitória não favoreciam os esforços necessários para a preparação do concurso. Este não foi favorável nem para Roger Bastide, nem para mim. Todavia, meu amigo, melhor classificado do que eu, obteve uma “bolsa de licenciatura” para Bordeaux. Nesta época estas eram as únicas bolsas possíveis para o pequeno contingente daqueles que, na lista de candidatos, figuravam imediatamente após o último dos admitidos.

Nossos uniformes nos recordavam que éramos ainda soldados. Enviados de volta a nossos lares para uma longa licença, retomamos pouco a pouco a vida civil e o caminho dos estudos, Roger Bastide em Bordeaux, e eu na Sorbonne com a preocupação de ganhar a vida para poder continuar meus estudos, uma vez que eu não dispunha de uma bolsa ou de alojamento gratuito. Durante esses anos de separação, Roger Bastide me enviava freqüentemente longas cartas sobre suas leituras, seus trabalhos, seus encontros. Ele elogiava as vantagens de Bordeaux, seus teatros, seus cafés, seu meio literário e, eventualmente, sua Universidade. Embora ele se destinasse ao curso de Filosofia, sua orientação e suas preferências eram então nitidamente literárias e estéticas. Ele desejava que eu viesse unir-me a ele.

Ao deixarmos Estrasburgo havíamos combinado que escreveríamos um ao outro, que nos transmitiríamos nossos planos, trocaríamos nossas críticas. Roger Bastide gostava de A. Gide, de M. Proust, de Montherlant, de J. P. Jouve, de Francis James, cujos burrinhos cândidos e místicos o encantavam. Não dispusemos porém do tempo necessário para realizar nosso projeto de mútua assistência literária. Dele, só sobraram alguns títulos e retalhos de notícias. Pretendíamos, os dois, tornarmo-nos agregados em filosofia. Tratava-se de uma aventura cuja duração e alcance não podíamos prever. Os programas alteravam-se parcialmente cada ano. Era vão esperarmos obter sucesso a curto prazo. Os alunos da Escola Normal Superior, inais bem informados e melhor preparados, beneficiavam-se de circunstâncias favoráveis. Roger Bastide resolveu solicitar um cargo de professor próximo de Paris para poder assistir aos cursos de agregação da Sorbonne. Todas as quintas-feiras ele vinha de Clamecy a Paris. Eu o encontrava com prazer. Nós marcávamos nossos encontros nos cafés de Montparnasse, que estavam então em grande moda. No Dôme e no La Rotonde, Roger Bastide achava o ambiente que ele apreciava, artistas, poetas e pintores, os primeiros surrealistas entre 1922 e 1924. Sem ter jamais aderido à militância surrealista, Roger Bastide tinha sentido claramente, desde seus primeiros fervores estéticos, que a realidade está além do real e que, para alcançá-la, é preciso uma certa recusa ou, pelo menos, um certo adiamento do acessível imediato, demasiadamente engajado na urgência da ação. Um trabalho de Roger Bastide, que se perdeu, publicado em Bordeaux em 1922, intitulava-se “A hipocrisia visual na poesia contemporânea”. Retomando uma expressão de A. Gide, o autor afirmava nesse trabalho que o poeta finge falar do real quando na verdade ele se dedica a desvendar a realidade. Esta idéia, cara a Roger Bastide, volta a aparecer em seu “Anatomia de André Gide”, um de seus primeiros ensaios surgido em 1922, no capítulo II (“O olho vasado”). A percepção de Roger Bastide ia sempre além do real, sem nunca traí-lo ou descuidar-se. Seu sentido poético não é estranho a sua inteligência do mito.

O ano de 1925 separou-nos novamente. Eu tive que aceitar um cargo de professor próximo de Lille, cidade com uma Universidade, para poder prosseguir com o preparo de minha agregação. No concurso de 1928 fomos aprovados, eu e Roger Bastide, bem como Raymond Aron, V. Jankelevitch, E. Mounier, J. Lacroix. Contra todas as expectativas, J. P. Sartre foi eliminado na prova escrita, sem dúvida em virtude de sua originalidade. Ele era para nós, nessa época, um concorrente temível. No dia da publicação dos resultados, que eram esperados com ansiedade, pudemos ver na lista afixada na Sorbonne, depois do nome de Raymond Aron que ocupava o primeiro lugar e, com uma pequena separação, os nomes de Roger Bastide e de P. Arbousse-Bastide que, aproximados pela primeira vez, assim se manteriam por muito tempo. Fomos então separados pela vida profissional. Roger Bastide foi nomeado para Cahors enquanto eu ensinava em La Rochelle. Nossos contactos se espaçaram sem todavia se afrouxarem. Em seu novo domicílio R. Bastide participava ativamente da vida política. Durante muitos anos ele fez parte do Con-

selho Municipal de Cahors onde ele se havia casado. Ele aderira ao Partido Socialista (S. F. I. O.). Via na ação política um meio para permanecer em contacto com os problemas concretos da vida social. Em 1929 eu tinha provocado, em uma pequena revista bastante íntima, porém aberta, generosa, "L'Amitié" uma pesquisa formulada com alguma impertinência, sobre o assunto seguinte: "O aflitivo mistério dos adormecidos" Eu chamava de "Adormecidos" os professores que, após terem sido estudantes brilhantes, depois de alguns anos de magistério tornavam-se indiferentes e contentavam-se em transmitir um saber morto, sem contacto com a vida, enfadonho para seus alunos e para eles mesmos. Eu perguntava a meus colegas de todas as idades: "É você um Adormecido? Conhece você algum Adormecido? Que podemos fazer para não sucumbir ao Torpor didático?" Roger Bastide, então em Valence, respondeu à inquirição insistindo na virtude estimuladora da ação política. Como se proteger dos "narcóticos"? perguntava eu, entendendo por narcótico "aquilo que provoca o risco de embotar o espírito daqueles que, por profissão, escolheram o ensino, isto é, optaram pelo papel de promotores do despertar" — Roger Bastide respondera "Ocupar-se com outras coisas. Sobretudo, a meu ver, com a política. Eu notei que os professores que se dedicam à política envelhecem mais lentamente. Isto se dá porque tal participação os força a sair de seu meio, e também porque isto apresenta a seu espírito, a cada instante, toda uma série de problemas de tática que devem ser resolvidos. A política (e eu me refiro à política militante e não à doutrinária), contra o hábito... O ensino é a criação de hábitos pois toda a vida universitária se inscreve em torno de um *Emprego do Tempo* que deve ser seguido. Ensinar é repetir — hábitos intelectuais ao lado de hábitos motores —. Depois da política, a literatura, entendendo-se por isto não o fato de escrever mas a estratégia literária (a disputa pelos prêmios, a disputa com os colegas, as manobras, etc.), e em seguida o mundo (ficando proibido o mundo da mediocridade). Frequentar os meios mais diversos. Aproximar-se da vida". É preciso ter conhecido a morosidade política e social no período entre as duas guerras na França para compreender a necessidade sentida por alguns universitários da época em participar de uma ação concreta e de ligar à vida quotidiana uma cultura que se apresentava despida de qualquer implicação social.

Depois de alguns anos em La Rochelle e alguns meses em Besançon eu recebi do Dr. G. Dumas, professor na Sorbonne, uma proposta de partir para São Paulo em junho de 1934. Por ocasião de minha primeira volta para a França em 1935, visitei meu amigo Roger Bastide, que lecionava em Valence. Contei-lhe acerca de nossa maravilhosa aventura brasileira, das perspectivas de ação e de cultura que se nos ofereciam, do privilégio de poder participar do nascimento de uma universidade, da efetivação de um ensino de sociologia cujo desenvolvimento só podia ser concebido em estreita ligação com uma iniciação nos problemas sociais, econômicos e políticos do meio. Roger Bastide, claramente orientado para a sociologia, interessava-se por problemas da vida mística, encarados de uma perspectiva psicológica e social. Nesse momento ele não cogitava da

eventualidade de um ensino no Brasil. Um conjunto de circunstâncias imprevisíveis levaram G. Dumas a propor a Roger Bastide em 1938 a ocupação da 2.^a cadeira de Sociologia na jovem Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Paulo. Esta cadeira fora criada, a meu pedido, em 1935 e confiada a Claude Levi-Strauss. Eu não tive a menor participação na iniciativa de G. Dumas, por inverossímil que isto possa parecer. Ela foi para mim uma agradável surpresa. Para Roger Bastide, iria iniciar-se uma nova era que deveria marcar profundamente a orientação de suas pesquisas e a evolução de seu pensamento. No tocante a nossa amizade o reencontro de 1938, isento de qualquer premeditação, permitiu a retomada de um diálogo que, sem nunca ter sido suspenso, fora momentaneamente interrompido.

★ ★ ★

Não se trata aqui de marcar as etapas das pesquisas e dos trabalhos de Roger Bastide ao longo de sua estada no Brasil. Não me pediram que falasse acerca de sua obra mas da amizade que nos uniu, dos intercâmbios que foram propiciados por essa amizade e do interesse que pode haver para um conhecimento melhor do homem os temas que animaram esse intercâmbio.

No momento em que Roger Bastide chegou ao Brasil ele interessava-se particularmente pelos problemas de aculturação e pelos conflitos de cultura. Seu interesse por esses problemas surgiu provavelmente do vivo sentimento que ele tinha da especificidade e singularidade religiosa cevenol da qual ele mesmo era tão profundamente impregnado. O profetismo dos "camisards", as efusões glossolíticas acompanhadas de transe que se manifestavam nas assembléias do "Deserto" tinham atraído suas pesquisas e alimentado suas reflexões. Os conflitos de cultura de expressão religiosa entre ínfimas minorias atuantes e os emissários do poder sócio-político o haviam impressionado profundamente. Ele pudera constatar na sobrevivência de certos comportamentos de defesa e de exclusão a tenacidade da memória histórica. Seu pequeno livro editado por A. Colin em 1931 mostra seu interesse em procurar uma tipologia das formas da vida mística.

Além disso, sua preferência pelo estudo das singularidades culturais fora, sem dúvida, estimulado pelo ensino de sociologia ministrado por Gaston Richard na Universidade de Bordeaux. Gaston Richard, colega de Durkheim na Universidade de Bordeaux, havia sido um dos primeiros colaboradores de "Année Sociologique". Mais tarde ele se afastara de Durkheim, que ele criticava acerbamente em virtude de seu "sociologismo" excessivo, o qual, segundo ele, se mostrava pouco atento às contribuições do indivíduo e dos grupos para a vida coletiva. Sem ter seguido pessoalmente os cursos de Gaston Richard, eu me tinha correspondido com ele antes de minha partida para o Brasil. Ele havia chamado minha atenção para a sociologia alemã, especialmente para os trabalhos de Toennies, de von Wiese e de Max Weber. A tendência de G. Richard se encontrava na "Revue Internationale de Sociologie" fundada por R. Worms e para

a qual G. Richard se tinha voltado após sua ruptura com Durkheim e com a "Année Sociologique". Roger Bastide durante muito tempo interessou-se pela "Revue Internationale de Sociologie", na qual ele colaborou. As noções de equilíbrio social, de aculturação e de conflitos de cultura, inspiradas pela antropologia social americana e conceituadas pelos trabalhos de von Wiese, estavam mais próximas da "Revue Internationale de Sociologie" que da "Année Sociologique".

★ ★ ★

Concebe-se que Roger Bastide tenha encontrado no Brasil um campo de observações e de trabalho excepcionalmente favorável à abertura de suas preocupações sociológicas. A sociologia brasileira, por volta de 1935, fortemente marcada pela sistematização durkheimiana, abria-se todavia ao culturalismo americano, ao formalismo pluralista alemão e a uma certa sociografia bastante próxima de Le Play, implicitamente transmitida pelos métodos de investigação da geografia humana de Vidal de La Blache e J. Bruhnes. Gilberto Freire publicava então seus primeiros trabalhos dentro de uma perspectiva de verticalidade transcultural, tendo como eixo o estudo das mentalidades a partir de documentos da imprensa, de iconografias variadas, de correspondências e de diários pessoais. Emilio Willems já trabalhava sobre a aculturação dos alemães nos estados brasileiros do sul. Numerosos trabalhos e pesquisas de natureza sociológica foram empreendidos no Brasil, especialmente nos domínios da história cultural, da antropologia e da etnografia. Menciono apenas as tendências mais nítidas quando da chegada de Roger Bastide ao Brasil.

Nós tínhamos ele e eu, na Universidade, a responsabilidade do ensino de sociologia. Era preciso que distribuíssemos as tarefas e fizéssemos um ajuste de programas de acordo com os desejos dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de acordo com as solicitações dos estudantes e com o estado da pesquisa sociológica no Brasil. Nossa amizade só podia favorecer a troca indispensável de idéias teóricas e práticas necessária para a execução, pelo menos provisória, de um ensino básico de sociologia, permanecendo aberto à espantosa estimulação de um meio sócio-cultural em pleno desenvolvimento.

Eu estava particularmente interessado pela importação, difusão e assimilação das ideologias políticas e filosóficas no Brasil e desejevo de ampliar os postulados da sistematização durkheimiana por intermédio de uma dimensão psico-social. Tive a ocasião, ao longo de nossas discussões metodológicas, de auferir enormes benefícios da erudita perspicácia de meu amigo. Já há muito tempo eu sabia que ele possuía tal dom, mas eu não tivera ainda oportunidade de vê-lo em ação. Roger Bastide teve o mérito de responder imediatamente às expectativas dos alunos no tocante à pesquisa concreta, dando, ele próprio, o exemplo de uma investigação extremamente variada. Sua ativa curiosidade rapidamente estendeu-se aos domínios mais diversos: os usos e costumes, os comportamentos aberrantes como o suicídio e a delinquência, as artes plásticas, a literatura brasileira

do século XIX e do século XX. As contribuições africanas à cultura brasileira, notavelmente descritas no famoso "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre, apaixonaram Roger Bastide que, mais tarde, encarregou-se de traduzi-lo e de divulgá-lo em França.

Perguntei-me freqüentemente de onde proviria a vocação de Roger Bastide para o estudo dos problemas afro-brasileiros. Ele mostrou-se sensível a esses problemas a partir de sua chegada ao Brasil. Entre ele e o negro brasileiro estabeleceu-se uma verdadeira cumplicidade. Ele falava do negro com ternura e o diálogo que ele sabia estabelecer com seus amigos negros desenrolava-se no abandono de uma confiança recíproca. Ele era amado logo a primeira vista porque era visto sem malícia, com uma total simplicidade de compreensão e de escuta. No serviço religioso realizado por ocasião de seu funeral, em um pequeno templo presbiteriano, diante de um público restrito de amigos íntimos, um grupo de negros, vindos espontaneamente de Paris e munidos de instrumentos de música africana lhe rendeu, no começo e no fim da cerimônia, a emocionante homenagem de um último adeus. Esta música insólita e tribal, sem dúvida de origem pagã, representava bem a linguagem do coração que, além das distâncias raciais e litúrgicas, encontrava o caminho mais curto entre os homens, o caminho da amizade, da gratidão e do amor.

Embora Roger Bastide, em suas pesquisas, se impusesse a mais rigorosa objetividade, ele não era daqueles que se vangloriam de considerar os homens observados como seres sem importância que escapam, por efeito de um artifício metodológico, ao conjunto de obrigações elementares que regem todas as relações humanas. A investigação, para ele, era sempre uma participação, não apenas funcional, mas fundamentalmente ética. Ao longo de suas pesquisas sobre o candomblé, ele chegou a ser iniciado em certos ritos esotéricos. Ele respeitou sempre escrupulosamente o compromisso secreto que ele tinha assumido livremente. Se este compromisso envolvia alguma proibição alimentar, Roger Bastide se impunha o dever de não infringi-la e ele o fazia por respeito e fidelidade para com aqueles que nele haviam confiado.

Esta reciprocidade igualitária nas relações de intercâmbio cultural constituía, para Roger Bastide, uma regra áurea. Já nos referimos várias vezes a isso, não apenas pensando nas práticas comuns a uma certa etnologia que exclui o homem como sujeito pretextando que com isso ele é melhor conhecido como objeto, mas considerando todas as formas de ação cultural, incluindo aquela em que estávamos envolvidos por força de nossa função de ensino no Brasil. Nós concordávamos quanto ao fato de que só pode haver ação cultural válida no nível de uma troca em que cada um dá e recebe ao mesmo tempo sem que seja possível avaliar o que é dado e o que é recebido. O saldo positivo só se torna claro no curso de um longo processo e após uma tomada recíproca de consciência, a qual, ela mesma, faz parte do processo de troca.

Ninguém é capaz de dar a não ser que esteja disposto a receber. Toda dádiva envolve um poder que rapidamente se degenera se ele não

for compensado, por uma aceitação sem reservas das contribuições diretas ou indiretas dos demais. Estes aforismas um tanto elementares, mas que têm o valor de fatos e de experiências, constituíram tema de inúmeras conversas entre Roger Bastide e mim, ao longo dos anos que passamos juntos no Brasil. Pretendíamos, sempre inspirados pela observação, delimitar, além da análise da ação cultural, uma ética da aculturação bem como uma terapêutica dos conflitos culturais por meio de uma melhor compreensão e domínio dos equilíbrios sociais. Esta última parte constituindo, sem dúvida, um projeto bem ambicioso.

A expressão "ação cultural" traduz mal a realidade visada, a qual era ao mesmo tempo mais ampla e mais concreta. É preciso evidentemente afastar qualquer analogia com aquilo que se passou a chamar de "ação psicológica". Tratava-se de um contacto interpessoal que passa através das formas da "cultura" sem se permitir fazer dessa ação uma forma de manipulação. É preciso lembrar que Roger Bastide e eu estávamos no Brasil durante a guerra de 39-45, período em que as tensões eram vivas e as expectativas incertas e diversas. Os indivíduos eram interpretados em função de atitudes freqüentemente encaradas de forma tendenciosa. O exercício da "função cultural" podia acarretar incidentes imprevistos. Nossos pensamentos não se afastavam da França ensangüentada e cujo destino se nos afigurava incerto. Éramos confortados pela simpatia verdadeiramente fraternal de nossos amigos brasileiros. Nossa comunicação cultural, todavia, se via submetida a novas dimensões que exigiam, mais do que nunca, que ela fosse mantida em um plano de trocas e de confiança recíprocas. Durante esse período Roger Bastide manteve-se fiel aos princípios que espontaneamente haviam inspirado sua ação cultural, impregnada de compreensão, de amizade e de respeito ao próximo.

Vinte e cinco anos mais tarde, durante a crise universitária francesa em 1968, tivemos ocasião de voltarmos a esses temas, Roger Bastide e eu, a propósito da contestação da autoridade didática e do conflito de gerações. Tínhamos a impressão de que transpúnhamos para a situação que estávamos vivendo alguns temas de reflexão sugeridos outrora pelo espantoso espetáculo do nascimento de uma universidade em um mundo novo, especialmente a ambigüidade da transmissão cultural que deve satisfazer à expectativa de continuidade e à exigência de uma inovação didática intimamente ligadas a uma demanda mais consciente do futuro do que do passado. O ensino tiraria sua autoridade de sua competência em atualizar o passado ou de sua capacidade de sentir as antecipações do futuro? Em que nível se deve estabelecer o diálogo com as novas gerações? Como efetuar-lo e dar-lhe prosseguimento sem impor, por um abuso de autoridade, quer quadros vazios e ultrapassados, quer modelos fictícios e contestáveis arbitrariamente projetados no futuro?

A percepção das correspondências, além das diferenças, sem todavia negá-las ou minimizá-las, é uma condição de todas as simpatias profundas.

No negro brasileiro Roger Bastide havia descoberto algumas disposições que ultrapassavam suas próprias tendências e, em primeiro lugar, uma afetividade elementar próxima do arrebatamento físico que favorecia uma abertura a todas as totalidades simbólicas e a todos os sincretismos estéticos e religiosos. A riqueza deste pluralismo antropológico o impressionava, sobretudo porque ela havia sido frequentemente subestimada e humilhada. Ele pressentia nela a fecundidade do contacto humano primário bem como o testemunho de uma criatividade estética ainda insuspeitada e a aptidão em acolher estados paroxísticos tais como o "transe" ou a "possessão", estados partilhados entre o domínio e a condução do sagrado mítico.

★ ★ ★

A partir de meus primeiros colóquios filosóficos com Roger Bastide, muito antes que ele houvesse descoberto o negro brasileiro, ou africano, eu já me impressionara com sua simpatia intelectual pela noção de politeísmo, sentida como uma espécie de pluralismo sacramental e com sua permeabilidade ao universo luciferiano, simpatias imediatas que se inseriram facilmente em um contexto de atração por aquilo que se poderia chamar a pluralidade dos extra-mundos, mundos infra ou supra-terrestres. Ele se comprazia em conciliar essas extrapolações demonológicas, brancas ou negras, com a letra dos textos cristãos irrecusáveis nos quais se encontra indiscutivelmente afirmada a existência do Príncipe das Trevas e dos exércitos celestes e infernais, confrontados em uma luta sem quartel mas não sem término.

Jogo de espírito e de humor? Mais do que isso. As correspondências se descobrem a longo prazo no decorrer de uma vida. A tenacidade de sua busca lança suas raízes no próprio limiar da existência, e talvez antes disso, no universo dos arquétipos próprios a cada um.

Todo homem tem em sua vida um experiência original fundamental, uma solicitação existencial que não cessa de o interpelar com uma variedade infinita de modulações afinadas pelo mesmo timbre. Suas respostas balizam seu caminho. Elas se sucedem intermitentemente. Nem sempre elas se harmonizam entre si, mas elas acabam por se completar.

Se eu me pergunto, com um espírito de piedade amiga, o que podemos adivinhar da experiência fundamental de Roger Bastide, aquela que talvez tenha passado despercebida para ele mesmo, mas que alimentou seu coração e seu pensamento, eu não posso deixar de recordar sua terra natal, onde se fixaram suas raízes, a terra de sua primeira infância e de sua fidelidade ancestral, a terra onde ele repousa. Ele não pôde jamais esquecer que esta terra foi outrora povoada por homens simples, por camponeses e montanheses ferozmente independentes e um pouco visionários que, um dia, foram tomados por uma febre de liberdade: servir a seu Deus, sem intermediários, como adultos atentos apenas à Palavra de

Deus e como que face a face; esses homens foram esmagados pelo Poder e pelo Conformismo. Seus descendentes conservam ainda, em sua consciência histórica, a cicatriz dessa chaga e o orgulho da revolta inútil.

As linhas que se seguem se encontram no manuscrito "A Subida ao Deserto" mencionado acima.

A ORAÇÃO QUE PROFERI NO DESERTO

"Minha "Oração que fiz no Deserto"... eu a faço em um deserto onde há poucas sarças e cardos espinhosos. Apenas alguns em um vaso sobre a chaminé, ao lado de poltronas fofas e d'uma cama confortável que espera por mim. Perdão, meu Deserto! Todavia eu vos evoco, meus Pais na fé. Eu não sei se vos lembrais, mas vim vos ver, há muito tempo. Não estáveis ainda expostos em um Museu. Tinheis apenas uma casa rural cinzenta, uma entre outras iguais. Eu era ainda uma criança traquinas e irreverente. Coloquei uma máscara na cabeça e, com uma alabarda em minha mão, me agachei no esconderijo de Rolando e tive muito medo pois talvez houvesse escorpíões por ali. Depois voltei por ocasião da guerra. Eu queria antes de seguir para a frente de batalha buscar perto de vós razões para combater. Vós o sabeis muito bem, apenas quando não se é mais obrigado é que se buscam justificações em uma deliberação voluntária. Eu meditei ao pé das relíquias dos cevenóis e implorei, ao partir, vossa bênção para aquela adolescência dolorosa. Permiti-me que eu seja simples... mas sejamos claros. Não peço para ir para o Paraíso com os asnos... isto seria demorado demais. Não, peço a verdadeira simplicidade e não uma simplicidade endomingada, a simplicidade dos camponeses cevenóis que não analisava mas que, ao ver coisas belas, agradecia de boa fé a Deus por ter feito belas coisas. E vós tínheis, depois, a alegria em vossos corações durante todo o dia".

Assim antes de partir para a guerra ele havia retornado a seu "deserto".

Roger Bastide fora, pois, tocado e marcado pelo simbolismo desse minúsculo incidente repressivo, incidente quase que anedótico, na história sombria e interminável dos terrorismos ideológicos, dos ódios raciais, da não aceitação das diferenças e dos crimes do poder. Daí sua grande simpatia pelo homem que não é como os demais e cujas riquezas intelectuais e afetivas podem ser subestimadas. Sua simpatia afro-brasileira, para ser integral, não precisou ser partidária. Ela caminhava no sentido da assimilação racial brasileira e se juntava ao grande desígnio liberal de um crescimento de elementos heterogêneos sem grandes conflitos étnicos. Não se tratava, é certo, de esquecer os perigos e os contrastes. O estudo e

a evocação das diferenças constitui um preâmbulo indispensável para toda solidariedade desejosa de escapar do perigo totalitário.

Esta convicção era primordial em meu amigo Roger Bastide. Ele ajudava a todos a trabalhar e a ter esperanças. Ele amava o Brasil com o mesmo fervor que ele tinha por sua "pequena pátria". Ele era a própria bondade. Nunca o vi falar mal de alguém.